

FONSÊCA, Danielle de Jesus de Souza. **Sobre a experiência da caminhada:** práticas artísticas e errantes na cidade. São Luís. Artista e Professora de Arte. SEEDUC/MA.

RESUMO

Partindo da caminhada como tema, em suas mais diversas formas e expressões, busca-se discutir as experiências estéticas relacionadas ao deslocamento como processo artístico e sua relação com a cidade. A abordagem partirá de performances que acionam a caminhada como prática mobilizadora de percepções e ações sobre o cotidiano, a vida e a cidade.

Palavras-chave: Caminhada. Corpo. Cidade

RÉSUMÉ

En partant de la promenade en tant que thème et ses diverses formes et expressions, on cherche à discuter des expériences esthétiques liées au déplacement comme processus artistique et son rapport avec la ville. L'approche partira de performances qui déclenchent la promenade comme pratique mobilisante de perceptions et d'actions dans le quotidien, la vie et la ville.

Mot-Clés: promenade ; Corps ; ville

Este texto busca discutir alguns aspectos da caminhada como motor de experimentação no espaço público. A discussão terá como ponto de partida o relato de duas performances que a autora deste artigo participou, a saber: Cegos, do Grupo Desvio Coletivo/SP e Enquanto durarem os balões, de Camila Grimaldi/MA. As duas intervenções ocorreram no estado do Maranhão, porém em tempos e espaços distintos, a primeira ocorreu em São Luís, em 2014 e a segunda na cidade de Caxias, em 2015.

Ambas experiências destacam, cada uma ao seu modo, proposições que giram em torno da prática artística na cidade, assim como da relação com a paisagem, o público e o modo como a caminhada é praticada nessas ações. Tendo nesta última o foco central das discussões, por considerá-la um dispositivo gerador de múltiplos trânsitos de sentidos que coloca em relevo o desvelamento da cidade.

As possibilidades oferecidas pela caminhada são múltiplas, entretanto será abordada inicialmente o seu formato e como ela se organiza

dentro das intervenções citadas. As ações serão tratadas aqui separadamente, por questões metodológicas e de abordagem, mas é importante reforçar que elas se interligam ao atuarem no campo de interferências que caracteriza o espaço urbano em toda a sua dinâmica. As ações são compreendidas como iniciativas mobilizadoras de questionamentos, tornando possível o alargamento de afetividades, produção de cuidado e outras intersecções possíveis.

Duas ações, duas formas de experimentar a caminhada. Os relatos a seguir apresentam recortes a partir de olhares que descrevem partes de um trajeto, que se propõem a destacar o processo experimentado em situações distintas e praticadas em espaços diferentes, sugerindo modelos para habitar corporalmente a cidade. Toda essa dinâmica caminhante coloca em evidência os territórios transitórios de criação e seus desdobramentos nômades presentes na geografia desses espaços e dos corpos também.

CEGOS: um fluxo poeticamente performático

A intervenção Cegos é fruto de pesquisas do Grupo Desvio Coletivo de São Paulo, sob coordenação do professor da Universidade de São Paulo, Marcos Bulhão, Coletivo Pi e demais artistas. Este coletivo é formado por artistas, como eles se denominam, de diversas linguagens, mas que se interessam pela rua e as diversas formas de intervir neste espaço, trazendo para discussão questões sobre o corpo, política, afeto e espaço público.

A provocação que Cegos busca colocar gira em torno da imagem de corpos petrificados característicos da contemporaneidade e pautados nas relações econômicas e políticas em suas mais diversas facetas, como o consumo e condição de trabalho, inúmeras leituras podem surgir deste trabalho a partir de sua construção imagética.

Visualmente a cena acontece da seguinte forma: pessoas vestidas com trajes de negócios e com acessórios que remetem a essa condição, como pastas, malas e bolsas. Os corpos estão cobertos de argila, olhos vendados com ataduras e caminham lentamente. Em geral, é essa paisagem que a

performance coloca para atravessar o espaço público, questionando instituições, sociedade e interesses econômicos e políticos.



Imagem 01 – Intervenção Cegos. Outubro de 2014. Foto: Divulgação Sesc-MA.

A intervenção foi realizada em outubro de 2014, como parte do Programa Palco Giratório de Teatro do Sesc. A convocatória para compor Cegos foi amplamente divulgada e não tinha como requisito a experiência como artista para participar, bastando ter interesse e disponibilidade. A intervenção reuniu aproximadamente 30 pessoas entre estudantes, atores, atrizes e público interessados em experimentar a linguagem da intervenção urbana.

Participar da intervenção urbana Cegos envolve uma preparação anterior, o grupo promove uma oficina de dois dias para apresentação da proposta e mais um dia, para a ação no espaço público, totalizando três dias consecutivos e intensos de encontros. Em cada cidade a intervenção vai adquirindo contornos bem específicos, pois existe uma preocupação do Desvio Coletivo em problematizar e trazer para a ação questões e discussões ligadas ao cotidiano da cidade por onde a intervenção está passando.

Em São Luís, o elemento inserido foi a mão pintada de vermelho, fazendo alusão ao período de crise que passava, naquela época, o sistema carcerário da capital, fato que resultou em várias mortes – com decapitações e esquartejamentos – devido a briga de facções rivais dentro do presídio de Pedrinhas, na zona rural de São Luís.

É importante destacar a existência de etapas iniciais de preparação que integraram o dia da intervenção. A proposta consistia em muitos rituais de execução, um deles, por exemplo, estava relacionado a preparação do corpo para receber a argila. Baldes com argila e outros com água foram dispostos no local e com o pedido de cuidar do espaço cedido¹, evitando sujeira e desorganização. Essa relação de zelo com o espaço também foi estendida aos participantes, colocando em destaque a afetividade como possibilidade de resistência em tempos de incerteza.

Em duplas ou trios cada performer ficou responsável por passar argila no corpo do outro, assim como também receber a argila com cuidado e atenção do colega. Nesse instante, a cobertura que a argila produzia na pele gerava uma camada sensorial diferenciada, apesar dos poros fechados outros estímulos deixavam a pele em alerta e se abriam como canal de conectividade atento a si, ao outro e ao meio.



Imagem 02 – Intervenção Cegos. Outubro de 2014. Foto: Divulgação Sesc-MA.

Em seguida, pessoas da produção colocavam vendas nos olhos dos performers, ajustando melhor ao formato da cabeça e amarrando de forma que ficassem confortáveis no rosto. Finalizando, os baldes cheios de tinta vermelha recebiam as mãos terrosas dos performers dando força e cor pulsante aos punhos.

¹ O espaço de preparação foi no Centro de Tambor de Crioula do Mestre Amaral, que fica no Centro Histórico de São Luís.

O silêncio foi condição indispensável nesse processo de composição, indicação dada pelo Desvio Coletivo. O pedido feito coloca em evidência como é construída a preparação para intervir no espaço público e seus possíveis desdobramentos. A suspensão da fala valoriza e incentiva outras formas comunicativas, como o olhar, a escuta e tocar o outro.

De certa maneira, o silêncio já era uma forma de se conectar com a intervenção, que não se utiliza do recurso da oralidade. Neste contexto, o silêncio pode significar várias coisas, mas em Cegos pode sugerir um exercício que compreende e exercita o corpo como potência, que ecoa muitas vozes silenciadas, momento que a extensão do corpo argilado se amplia, produzindo uma visualidade de múltiplas interferências na rotina de quem vê e participa.

As demais observações pontuadas pelo grupo, antes da intervenção acontecer, diziam respeito da recepção e contato com o público. Nesse tipo de trabalho a vulnerabilidade e o risco são explorados em toda sua força criativa. Estar na rua pede um corpo em alerta constante, que se permite a afetar e ser afetado, um corpo cambiante e relacional fruto de várias somas sensíveis.

Foi recomendado uma atenção redobrada com movimentos bruscos e passos rápidos. Com o passar do tempo e com a argila seca, o andar começa a ser executado com dificuldade, pois o corpo tende a ficar pesado e com pouca mobilidade, o que pede uma atenção maior. Mas a ideia caminante do Cegos é exatamente essa, de um outro fluxo, devagar quase parando. São corpos engessados que dialogam com outros corpos cobertos por diferentes formas de engessamento cotidiano.

A respeito da caminhada, em Cegos ela é a ação. Ocupação móvel que atravessa todas as direções e sentidos, propondo um olhar mais atento para a cidade. Ao caminhar o performer opera no campo da deriva ao se permitir perambular com andar lento, ao passo que cria paisagens nômades.

O contato visual com o público e demais performers se dava pelas fissuras que a atadura oferecia, de tecido leve e quase transparente, o pano indicava vestígios, rastros de presenças, estado de entre visões. É nesse contexto, que as relações vão sendo estabelecidas com o público, espaço, performers. A percepção da temporalidade é contada pelo jeito que o corpo se projeta e se coloca no campo das tensões e das camadas da cidade.

O percurso da intervenção foi discutido previamente com os participantes, onde se buscou fazer uma cartografia dos pontos considerados estratégicos, conflituosos e importantes a serem visitados e, também, questionados. Cada ponto exigia uma parada e um gesto correspondente ao local, o movimento era iniciado pelas pessoas que estavam à frente, geralmente integrantes do Desvio Coletivo e os demais repetiam.



Imagem 03 – Intervenção Cegos. Outubro de 2014. Foto: Divulgação Sesc-MA.

A trajetória traçada se iniciou pelo prédio do Tribunal de Justiça, Palácio dos Leões – sede do governo estadual, Igreja da Sé, indo para a Secretaria Estadual de Cultura, prédio da Promotoria Pública, Câmara de Vereadores e em seguida para o maior centro comercial de São Luís, a chamada Rua Grande. A praça do Parthenon, lugar bastante conhecido da cidade, que se encontra em pleno abandono, foi o ponto final da intervenção.

A presença de Cegos em São Luís foi reveladora de muitas questões, dentre elas do modo como o público reage a esse tipo de linguagem, muitos se sentiram incomodados em não ter, de imediato, a resposta sobre o porquê da intervenção, ou seja, não se coloram no exercício da reflexão, quer requer tempo e interesse. O problema, ao meu ver, se concentra na incapacidade de lançar no campo da incerteza e fazer desse momento uma experiência estética e política.

Outros vestígios e rastros reverberam na cidade após a passagem de Cegos, levantando proposições que pedem urgência a serem tratadas,

materiais que poderiam alimentar outras intervenções e movimentar a cena em São Luís, visto que são poucas as práticas de intervenções realizadas na cidade, indicando que o espaço público precisa ser ocupado e questionado, gerando outras paisagens que problematizem a experiência cotidiana.

ENQUANTO DURAREM OS BALÕES: escreva um sonho e voe!

O trabalho Enquanto durarem os balões, de Camila Grimaldi/MA parte da afetividade para existir. A ação que será discutida a partir de agora fez parte da programação da Aldeia Sesc Balaiada de Arte, ocorrida na cidade de Caxias/MA², em 2015³.

Neste trabalho, a artista elege o balão com gás hélio, típico de festas de aniversário, como disparador de encontro e experimentação. A ação se desenvolve a partir da caminhada como dispositivo de convocação do transeunte para poetizar e refletir sobre sua existência, buscando coletar sonhos e desejos daqueles que se encontram no território inventivo da rua.



Imagem 04– Enquanto durarem os balões. Outubro de 2015. Foto: Divulgação Sesc-MA.

² Cidade que fica aproximadamente a 368 km de São Luís.

³ Nesta ação Camila Grimaldi convidou outros artistas para compor o trabalho.

O local que acolheu a ação foi a praça Gonçalves Dias e seu entorno. Situada numa área central e histórica da cidade, a praça é rodeada de vários tipos de comércios, agregando na sua disposição espacial modelos e intenções de mobilidade variadas. Nela é possível encontrar infinitas práticas de habitação experimentadas, gerando fricções que interferem na sua dinâmica temporal e afetiva.

Como lugar disponível, a praça, em geral, apresenta várias finalidades, acerca das mais regulares, ela é vista como espaço de passagem e permanência, contudo estas não são entendidas como dicotomias, mas sim articuladas e complementares entre si. Estar na praça significou, para os performers e participantes, a instalação momentânea de outras partilhas sensíveis, tal como a criação de lugares de encantamento, sobretudo para os praticantes da praça, como vendedores ambulantes e moto taxistas.

A rotina da praça Gonçalves Dias é composta de fluxos de existências diversificados, que se cruzam e coexistem provisoriamente, proporcionando narrativas instantâneas de todas as ordens, texturas e acasos para os performers atentos à busca de narrativas. Neste contexto, a configuração habitual da praça passa a agregar um sentido de afetividade e atravessamento mais intenso, gerando uma potência na criação de outra paisagem mais inventiva e instigante, uma fuga necessária para novas percepções acerca do cotidiano.

O convite para participar – ou uma proposta para se deixar afetar – é realizada a partir de perguntas que funcionam como gatilhos. A partir desses tiros memórias são evocadas a participarem do jogo. Agora, a escuta do performer é essencial para a continuidade da ação, que pode ser respondida ou não pelo caminhante. Há nessa situação, em especial, uma certa negociação silenciosa, que tenciona e potencializa a relação entre performer e público, onde a alteridade se coloca como acordo indispensável.

Sendo aceito o chamamento, a narrativa do caminhante é ouvida cuidadosamente que, ao final do relato, é convidado a registrar esse sonho ou desejo no balão para ganhar o mundo, voar, voar. Após a escrita do caminhante é hora de soltar o balão que se encontra amarrado no cabelo do performer por um barbante.



Imagem 05 – Enquanto durarem os balões. Outubro de 2015. Foto: Divulgação Sesc-MA.

Ao ser solto, o balão com gás hélio ganha o céu impulsionado também pela potência, vontade e força do pensamento do participante no ato de sua escrita. De cor amarela, o balão também chama atenção de quem está por perto, desviando o olhar para cima e que passa a acompanhar o movimento que o balão faz com ajuda do vento, produzindo caminhos e desenhos no ar, ao ponto de colorir o azul celeste e ampliar a dimensão do céu, que passa a ser entendido como um canal onde o sonho pode existir e ecoar pelo mundo sensível.

A cada subida de balão uma nova extensão da ação era criada, gerando uma intervenção momentânea no ar, uma espécie de zona breve de percepção. Desses acontecimentos sutis dados a sua efemeridade, os rastros do balão no ar marcam aqueles que participaram do Enquanto durarem os balões.

A ideia é que o caminhante experimente a sensação de ver seu sonho se deixar levar, flutuar, voar e ganhar o mundo. Gerando espaço para outras formas de ver e perceber a relação do desejo e outras sensações correlatas. Nesta ação, a palavra encantamento desponta como estímulo possível, uma vez que aciona desejos íntimos e, muitas vezes, esquecidos e

que, de alguma forma, são renovados ou revisitados, entre outras questões tangentes.

O desenrolar da ação envolve muitas questões delicadas, sobretudo a forma de abordagem, de chegar no outro. Especialmente por entender que a proposta pede um olhar atento e cuidadoso com as narrativas de vida que vão sendo apresentadas. Como encontro, o trabalho de Camila Grimaldi desloca a confiança para o contexto da rua, do público.

Em tempos de urgência e relações ligeiras, a confiança é chamada como elemento decisivo que une artista e público. A partir disso uma dinâmica de trocas sucessivas é experimentada, ambos estão sujeitos no campo de interações e estímulos que cada encontro, por ser único e particular, oferece como objetivo, igualmente o intercâmbio de intimidade que contamina e modifica os performers.

Ainda sobre esse ponto, ao trazer questões de cunho íntimo para o espaço público, a artista Camila Grimaldi se lança ao desafio de cartografar sonhos, desejos e renúncias, cuidando com afeto das narrativas confiadas. Do mesmo modo, ela se coloca como possível interlocutora por mobilizar a potência contida nesses imaginários, fazendo emergir ou transbordar, novamente, desejos escondidos ou, por vezes, esquecidos devido a dureza dos dias.



Imagem 06 – Enquanto durarem os balões. Outubro de 2015. Foto: Divulgação Sesc-MA.

É importante destacar que o próprio nome da performance propõe e destaca uma de suas particularidades. O título do trabalho brinca com a sua efemeridade e joga com a duração incerta, pois a temporalidade está ligada e depende da presença dos balões, ou seja, a proposição será realizada enquanto durarem os balões.

O balão visto frequentemente como item de comemoração de aniversários, ocasiões especiais ou recreações infantis, nesta ação é elevado à categoria de dispositivo de afetação, que busca ampliar a experiência do outro. Em outras palavras, o balão continua a ser empregado no seu sentido habitual, entretanto aqui ele se desloca para a rua, para celebrar a vida e as conquistas diárias em seu aspecto ordinário.

Portanto, Enquanto durarem os balões joga afetivamente com a escuta, experiência e subjetividade. Como campo de atuação convoca o compartilhamento e a caminhada como possibilidades de aproximação com o transeunte, criando novas formas de convívio e experimentação com e na cidade.

Considerações finais

Nos dois trabalhos comentados acima, a multiplicidade de processos de criação desenvolvidos no momento da caminhada e como as ações de deslocamento, para além de ações corporais, nas intervenções estudadas são entendidas transitando nos campos da experimentação poética e política.

Nesta pesquisa, o ato de mover-se é pensado como acontecimento, uma vez que sinaliza uma existência que ressignifica a experiência e seus desdobramentos perceptivos. Neste sentido, outras relações com o espaço vão sendo pensadas, sobretudo no que diz respeito a uma cidade mais afetiva e habitável. Para tanto, é a partir de um outro fluxo de intensidade de sensações e sentimentos que é possível experimentar pequenos deslocamentos, pousos e suspensões na cidade.

Os modos operativos dos trabalhos mencionados destacam a caminhada como instância indissociável de suas proposições, uma vez que cria

novas imagens que são incluídas na paisagem nômade da cidade, partindo do cotidiano como chamamento para suas realizações.

Encerramos, por hora, sem pretensões conclusivas, pois entendemos que pesquisar é um ato em constante movimento, de voltar e rever o percurso já descrito e proposto. Portanto, oferecemos um panorama movente das intervenções Cegos e Enquanto durarem os balões, que se comprometeu a refletir como a caminhada oportuniza os mais diversos olhares, capazes de revelar nuances das produções simbólicas e estéticas presentes nessas intervenções, tal como a poética contida nesses encontros acidentais.

Referências bibliográficas

BOURRIAUD, Nicholas. **Estética Relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CARERI, Francesco. **Walkscapes**, o caminhar como prática estética. São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Editora Vozes, Petropolis, 1998.

RODRIGUES, Carlaile José. **Olhares e corpos em desvio**: experiências e reações na performance “Cegos”. Revista Gambiarra - número 05 - ano V - 2013 - p. 57-62. Disponível em http://www.uff.br/gambiarra/edicao_05/artigos.htm#.WPzAGqlkrlU. Acesso em 01 de abril de 2017.